

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tarde / Salvador Class.: Xavante 187

Data: 21/01/93 Pg.: _____

Ultraleve



Nós e os Xavantes

Consuelo Pondé de Sena

São decorridos cerca de 10 anos, pouco mais, ou menos, que quatro índios xavantes, tendo à frente o robusto Aniceto, chefe da aldeia de São Marcos, desembarcaram na Bahia. Aqui haviam chegado para atender ao convite do Departamento de Antropologia, numa atividade conjunta com o bloco carnavalesco Cacique, do bairro Garcia.

Ficou, então, acertado que aos professores vinculados aos estudos indígenas incumbiria responsabilizar-se pela estada dos simpáticos visitantes, na velha cidade do Salvador. Coube-me, num determinado dia, buscá-los no Hotel Pelourinho, onde se encontravam hospedados, a fim de que fossem conduzidos, "com toda pompa e circunstância", ao Hotel Barra Turismo.

Tal traslado obedeceu a um pedido dos mencionados xavantes, acomodados com a curiosidade que despertavam junto aos moradores daquela área do Centro Histórico, negociantes ali estabelecidos ou, ainda, meros transeuntes e turistas. Como nunca fui de dirigir veículo, pedi a Plínio, meu marido, que efetuasse, comigo, a referida "operação mudança", no que eles acedem com a sua costumeira boa vontade.

Depois de acomodados no grande Opala bege, os quatro índios solicitaram permissão para ligar o gravador portátil que traziam, o que foi feito com a presteza digna de quem recebe o assentimento à sua solicitação.

Entretanto, não se contentaram eles em escutar, com moderação, a monótona e repetitiva música xavante, como a ouviram no mais alto volume do aparelho, o que, sobremaneira, nos incomodou durante todo o trajeto até o Porto da Barra. Durante o longo percurso, com múltiplas paradas, o pessoal da rua, curiosamente, esbugalhava os olhos, admirando os estranhos personagens. Pacientemente, Plínio, homem cordato e educado, nada reclamou durante a viagem, o que não o impediu de queixar-se tão logo chegamos ao nosso apartamento.

Combinamos com o grupo de Aniceto que, às 12 horas, voltaríamos para buscá-los e conduzi-los à nossa casa, onde deveriam almoçar e, em seguida, em minha companhia, visitar o reitor Macedo Costa, na Reitoria da UFBA.

A entrada em nosso prédio da Av. Princesa Leopoldina, naquele ensolarado sábado, despertaram a curiosidade de todos, especialmente a dos meninos que, pouco depois, pediram permissão para entrar em nossa ca-

sa, a fim de lhes fazerem algumas perguntas e saciarem suas curiosidades. Em pouco tempo, o apartamento ficou cheio de improvisados repórteres mirins, sem falar nos vizinhos adultos, igualmente interessados em conhecer os conterrâneos de Mário Juruna.

Advertida por minha colega e amiga, Maria Rosário Carvalho, providenciei um saboroso banquete, a fim de que os xavantes pudessem saciar seu desmedido apetite.

Recordo-me que mandei cozinhar uma farta feijoada (cinco quilos de feijão com todas as carnes), cinco quilos de arroz alho e salsinha, cinco de peixe vermelho, transformados em deliciosa moqueca, e uma salada de verdura, que eles recusaram enfaticamente, sob alegação de que "a gente não gosta. Isto é mato, não tem gosto de nada. A gente não vai querer". Em compensação, encheram os pratos fundos, propositalmente colocados nos seus devidos lugares, com as outras especialidades da casa, enquanto nós, boquiabertos, Plínio estupefato, preocupávamo-nos em saber se teríamos direito a almoçar ou, ao menos, "provar" um pouco da succulenta refeição. Na realidade, somente depois que as visitas se serviram duas vezes e que pudemos degustar um pouco do que tínhamos direito, a título de mero tira-gosto. Na hora da sobremesa, Aniceto declarou: "A gente só come frutas, a gente não gosta de doce, que estraga os dentes". Entretanto, apesar desta observação, acrescentou: "Vou comer um pouco. Se prestar eu digo a vocês" (dirigindo-se para os companheiros).

A "prova" a que se referiu pareceu-nos demasiadamente generosa. Em seguida, um dos índios (todos riam gostosamente) declarou: "E, assim mesmo, a gente quer", o que nos fez depreender que, apesar de não ser boa, todos os quatro desejavam comer a deliciosa torta de abacaxi, preparada em pirex retangular de grande tamanho (família). Admiradores da "dita cuja", Plínio e Eduardo, este meu filho caçula, olnavam tristemente a sobremesa favorita ser repartida apenas por quatro pessoas, enquanto eles "aguavam" de vontade de saboreá-la.

Passados tantos anos, até hoje, o mestre Jorge Calmon pede para eu relatar este fato. Esta é a razão pela qual, em sua homenagem, ele é contado a todos os leitores de A TARDE